

CIDADE & ALMA

*Oficina do grupo de Psicologia Arquetípica da
Associação Junguiana do Brasil*

*Gustavo Barcellos
Lunalva Fiuza Chagas
Acací de Alcantara*

2017

- A psicoterapia tem trabalhado com sucesso na sua esfera de realidade psíquica enquanto subjetividade mas não tem revisto a noção da própria subjetividade. E, agora, mesmo seu sucesso nesse ponto entra em discussão no tocante às queixas dos pacientes se ajustarem aos problemas que não são mais meramente subjetivos no sentido antigo, pois, durante todo tempo que a psicoterapia teve êxito em aumentar a consciência da subjetividade humana, o mundo no qual todas as subjetividades são estabelecidas se desintegrou. A crise está num lugar diferente — poluição e crime nas ruas, a queda no nível de instrução e o aumento de lixo, fraudes e exposições. Agora encontramos a patologia na psique da política e da medicina na linguagem e no *design*, no alimento que comemos. A doença está agora “lá fora”.

- O mundo, por causa de sua crise, está ingressando num novo momento de consciência: por chamar a atenção para si por meio de seus sintomas, está se tornando consciente de si mesmo enquanto realidade psíquica. O mundo é agora objeto de intenso sofrimento, exibindo sintomas agudos e grosseiros pelos quais se defende contra o colapso. Assim, passa a ser tarefa da psicoterapia e de seus profissionais adotar a linha iniciada primeiro por Freud: o exame da cultura com um olhar patológico.

- Em vez da noção usual de realidade psíquica fundamentada num sistema de sujeitos particulares animados e objetos públicos inanimados, quero propor uma visão predominante em várias culturas (chamadas primitivas e animistas pelos antropólogos culturais do Ocidente) que também retornou, durante pouco tempo, na nossa, e que teve sua glória em Florença com Marsilio Ficino. Estou me referindo à alma do mundo do platonismo, que significa nada menos que o mundo alçado.

- A matéria está mais endemoniada do que jamais esteve em qualquer calamidade. Lemos os avisos de perigo, sentimos males invisíveis descendo pelo ar, infiltrando a água e impregnando nosso alimento vegetal. O mundo material é habitado de novo, o reprimido retorna da matéria declarada morta por Aquino e Descartes, agora no papel da própria Morte e, por causa desse fantasma exumado pela matéria, por fim conscientizamo-nos da *anima mundi*.

- O mundo se revela em formatos, cores, atmosferas, texturas — uma exposição de formas que se auto-apresentam. Todas as coisas exibem rostos, o mundo não é apenas uma assinatura codificada para ser decifrada em busca do significado, mas uma fisionomia para ser encarada. Como formas expressivas, as coisas falam: mostram as configurações que exibem. (...) Não apenas animais e plantas almadados como na visão romântica, mas a alma que é dada em cada coisa, as coisas da natureza dadas por Deus, e as coisas da rua feitas pelo homem.

- Para o homem clássico medieval, a natureza era demoníaca; agora, a cidade é demoníaca. Fugimos dela por vias expressas ou voos sem escalas que nos levam aonde podemos diminuir o ritmo e parar. Para re-imaginarmos o transporte teríamos também que rever a cidade como lugar de descanso e lazer, lugar dos elementos da natureza, a água, o fogo e a terra; refúgio, passeios à sombra, jardins templários... poderíamos então estar menos propensos a fugir dela.

- A alma adoece com a tensão urbana. Uma das fantasias favoritas da humanidade é a de que a alma perto da natureza vive melhor e, portanto, necessita diminuir seu ritmo para encontrar o (ritmo) da natureza, pois nas cidades a alma se torna sofisticada e corrompida.

- Bem, não aceito de jeito nenhum essa perspectiva anti-cidade e os advirto de estar sendo seduzidos por seu charme sentimental. Ela coloca alma e cidade em campos opostos, resultando em cidades sem alma, e alma sem cidades, almas não civilizadas, simples, animais romancizados, bárbaros que abandonam a civilização pela cela de um eremita ou a clareira de um *hippie* na floresta. (...) Restauramos a alma quando restauramos a cidade em nossos corações individuais, a coragem, a imaginação e o amor que trazemos para a civilização.

- Uma cidade que negligencia o bem-estar da alma faz com que a alma busque seu bem-estar de forma degradante e concreta, nas sombras dos reluzentes arranha-céus. Bem-estar, um fenômeno específico das cidades, não é apenas um problema econômico e social, mas predominantemente um problema psicológico. A alma que não for cuidada — quer seja na vida pessoal, quer na vida da comunidade — torna-se uma criança raivosa.

- Ela assalta a cidade que a despersonalizou com uma raiva despersonalizada, uma violência contra os próprios objetos que representam a uniformizada ausência de alma: vitrines de lojas, monumentos nos parques, edifícios públicos. Aquilo que, nesses últimos anos, em sua fúria, os habitantes da cidade resolveram atacar (lojas, bancos e carros) e defender (árvores, casas antigas, bairros) é significativo.

- Sou um analista. Falo às questões privadas que residem dentro do fórum público, na alma da cidade. Sou mais um garimpeiro que um urbanista; persigo os vazamentos de gás que embaçam e envenenam as nossas relações pessoais; o escoamento de energia na insônia, na impotência, no vício; vou atrás dos ratos, impulsos que roem os cantos de nosso espaço interior; a queda de força do desespero. Essa cidade interior é privada e indizível no fórum. Ainda assim, podemos conectar essa interioridade, nossa vida de alma, com a interioridade de nossa vida pública; na verdade, podemos descobrir uma correspondência entre dois tipos de interior.

- As condições de nossas psiques, sugeriria, refletem o interior de nossas salas. Há relação entre nossos hábitos e nossas habitações. E esse é meu tema e meu método agora: a relação entre o interior interno de nossas vidas e o interior dentro dos lugares onde vivemos.

- O automóvel parece ser claramente um desenvolvimento da consciência do olho e não dos pés. Apesar de uma antiga palavra para carro ser locomóvel, sua locomoção é uma experiência visual. Assim, caminhar numa auto-estrada porque seu carro quebrou é uma experiência assustadora, despersonalizante. O lá fora se revela aos pés como excrescência, mato, buracos, lixo, e leviatãs urrando atrás de você. É claro que as cidades mais modernas têm problemas nas calçadas: os pés são ignorados.

- Já houve um tempo em que, nos templos, éramos abençoados por nosso movimento de “entrar e sair”. Esta benção levava em conta o humano como um ser em movimento, uma alma com pés, um ser físico no meio de um mundo físico feito para caminhar nele, como Adão e Eva caminhavam no Éden. Aquele jardim é, na imaginação, o lugar primordial da nostalgia, que inconscientemente retorna em todos os sonhos de utopia. E aquele jardim, devemos lembrar, foi criado por um Deus caminhante. Essa imagem nos diz que há caminhar no Paraíso, diz também que há Paraíso no caminhar.

- Na ausência dos Deuses as coisas tendem para as enormidades e um sinal da ausência dos Deuses é a imensidão, não meramente no reino da quantidade, mas enormidade enquanto qualidade, com uma descrição horrível ou fascinante, como o Buraco Negro, Aglomerados, Guerra nas Estrelas. Quer se manifeste nas imagens de corporações, multinacionais, oceanos poluídos, ou nas grandes oscilações climáticas, a imensidão é a confirmação do Deus ausente. Ou, digamos, que os atributos divinos da onipotência, onisciência e onipresença subsistem sozinhos. Sem o governo benevolente da divindade, Onipotência, Onisciência e Onipresença tornam-se Deuses. Em outras palavras, sem os Deuses os Titãs retornam.

- Hoje o Grande Reprimido, o tabu que nunca é mencionado na terapia ou teoria analítica é a beleza. O inconsciente não permanece no mesmo lugar. O que era inconsciente não é mais inconsciente. À medida que a luz psicanalítica avança através da floresta produzindo clareiras, novas sombras aparecem atrás. O inconsciente está sempre onde nós não estamos olhando. Hoje, somos inconscientes da beleza. Somos anti-estéticos, estamos anestesiados, psiquicamente entorpecidos.

